

CALAMIDADE NO RS

PAULO PIRES/GES



O uso de barcos e embarcações de pequeno porte cedidas pela comunidade fez a diferença nos salvamentos

Voluntários resgatam milhares de pessoas

Nos últimos dias, a entrada da Avenida Rio Grande do Sul, no bairro Mathias Velho, se tornou um verdadeiro campo de guerra. O local, principal via de acesso para o resgate dos moradores ilhados, ficou tomado por milhares de pessoas, entre voluntários, profissionais, resgatados e curiosos.

O voluntário Giovane Ferraz, 32 anos, estima ter salvo mais de 200 pessoas. “É muita gente.

O final da avenida é a pior parte. Nunca presenciei nada parecido. É um misto de sentimentos. É preciso manter o foco, mas algumas situações são de chocantes. O desespero e choro das pessoas é de cortar coração”, desabafa.

O terreno de uma empresa desativada, na entrada da avenida, está sendo utilizado. Como área para atendimento médico e para alimentação. “As pessoas estão fragilizadas, a maioria ficou muitas

horas aguardando o resgate. As crianças estão assustadas, os idosos estão debilitados, muitos animais perdidos. São dias difíceis para os canoenses”, desabafa a voluntária Márcia Gomes.

O resgate de moradores continua nesta segunda-feira (6). “Não há previsão para terminar. São muitos moradores. A estimativa eram 50 mil ao todo. Foram resgatados pouco mais de 30 mil”, diz a voluntária.

Também morador do

Mathias Velho, Rafael Leal, 33 anos, fala sobre o cenário dramático vivido pela comunidade. “É um momento de união, mas também de conscientização. O empréstimo de barcos e as doações de gasolina e óleo para os motores têm sido essenciais para a celeridade e aumento de pessoas resgatadas. São milhares de moradores que perderam tudo, menos a vida. Todos precisarão de ajuda”, salienta.

LEANDRO DOMINGOS/GES-ESPECIAL



Todas as ruas do bairro Rio Branco ficaram alagadas já na madrugada de sexta-feira

Água subiu rapidamente no bairro Rio Branco

Diversas ruas em paralelo com a Avenida Guilherme Schell, no bairro Rio Branco, ficaram alagadas na sexta-feira (3). Em menos de 24 horas, o cenário era devastador. A água deixou milhares de residências e prédios quase submersos.

Os moradores que permaneceram nas casas após a ordem de evacuação, em questão de horas, ficaram impossibilitados de deixar os locais por meio terrestre. As ruas foram transformadas em rios. Os únicos meio de locomoção

eram barcos, jet-skis e helicópteros.

Carros estacionados nas ruas e em pátios de condomínios foram praticamente engolidos por um paredão de água. Os pedidos de resgate aumentaram rapidamente na região.

Acolhimento e preocupação

O Centro Olímpico Municipal está lotado, ele abriga aproximadamente 400 pessoas, entre elas, a aposentada Selma Fraga dos Santos, 74 anos, e as suas duas filhas. A família deixou a casa próxima a parada 7, no Mathias Velho, ainda na sexta-feira (3).

“Agradeço pela minha vida. É muito triste tudo isso. Infelizmente, alguns vizinhos não quiseram deixar as casas quando a água ainda estava baixa. Não sabiam da dimensão do problema. Nunca tinha acontecido nessa proporção. Estamos sem notícias das pessoas que ficaram. Não sabemos se foram resgatadas. Uma vizinha, de 83 anos, não saiu antes de tudo piorar. Estou apreensiva por ela. Se ela não saiu, o pior pode ter acontecido”, lamenta a canoense.

BRUNA OURIQUE/PMC



Doações de alimentos e roupas são recebidas na Ulbra Canoas e nos pontos de abrigo

PAULO PIRES/GES



Giovane Ferraz, 32 anos, ajudou a resgatar mais de 200 pessoas no bairro Mathias Velho. “Nunca vi nada igual. Foi chocante. O final do bairro foi a pior parte.”

PAULO PIRES/GES



Selma Santos e as filhas conseguiram sair de casa na sexta

Corrente de solidariedade

Voluntários e a comunidade se mobilizaram com doações. No início eram oito pontos de acolhimento. Hoje, passaram de 50 abrigos entre escolas, igrejas e universidades. A Prefeitura criou uma Central de Doações, na Cassol Centerlar (Avenida Farroupilha, 5775), para receber donativos. São necessários cobertores, colchões, artigos de higiene e limpeza.